



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ALEX SANDRA FERREIRA LIMA

**UMA LEITURA DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NO CONTEXTO DA
LITERATURA REGIONALISTA**

CAJAZEIRAS-PB

2018

ALEX SANDRA FERREIRA LIMA

**UMA LEITURA DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NO CONTEXTO DA
LITERATURA REGIONALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ms^a. Maria de Lourdes Dionizio Santos.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

L732u Lima, Alex Sandra Ferreira.

Uma leitura da personagem Luzia-Homem no contexto da literatura regionalista / Alex Sandra Ferreira Lima. - Cajazeiras, 2018.

43f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Maria de Lourdes Dionizio Santos.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Análise literária. 2. Literatura brasileira. 3. Romance brasileiro. 4. Luzia-Homem. 5. Olímpio, Domingos. I. Santos, Maria de Lourdes Dionizio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.0

ALEX SANDRA FERREIRA LIMA

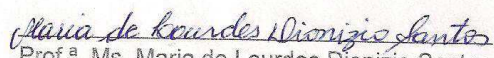
UMA LEITURA DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NO CONTEXTO DA
LITERATURA REGIONALISTA

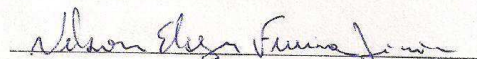
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras – Língua
Portuguesa do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito para
obtenção do título de Licenciada em Letras
- Língua Portuguesa.

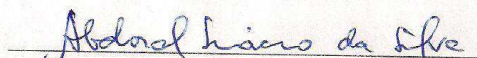
Orientadora: Profa. Ms^a. Maria de
Lourdes Dionizio Santos.

Aprovado em: 16/03/2018

Banca Examinadora


Prof.^a Ms. Maria de Lourdes Dionizio Santos
(UAL/CFP/UFCG – Orientadora)


Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)


Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A Deus.

Aos meus pais, marido e irmãos que sempre acreditaram na realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para vencer todos os obstáculos no decorrer dessa árdua caminhada.

Aos meus pais, marido e irmãos que sempre me apoiaram quando quis desanimar.

Agradeço à professora orientadora, Maria de Lourdes Dionizio pela paciência, determinação e incentivo nos momentos de desânimo.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e incentivo no decorrer do curso, em especial Ingra, Aldiene e Adailma, obrigada pelo carinho, sem dúvida ficarão marcadas nossas lembranças por toda vida.

A todos os professores que durante minha vida estudantil contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

Muito obrigada.

“E, na gloriosa harmonia dos astros, na expansão soberba da vida universal, a terra cearense era a nota de contraste, um lamento de desespero, de esgotamento das derradeiras energias, porque o sol sedento lhe sorvera, em haustos de fogo, toda a seiva”.

Domingos Olímpio (2003, p. 38).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção da personagem Luzia-Homem, protagonista do romance homônimo do escritor cearense Domingos Olímpio. Trata-se, dessa forma, de uma apreciação sobre a figura do retirante, cujo cenário é o sertão nordestino castigado pela seca de 1877-1878 e seus respectivos desdobramentos, bem como de sua relação com os demais personagens na narrativa. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu com base nessa busca de compreender o meio físico e social que envolve a protagonista, bem como os conflitos pessoais no decorrer da ação. Desde o seu título, a obra **Luzia-Homem** apresenta ambiguidade na composição desse binômio. Contudo, no decorrer da narrativa, percebemos que Luzia tornou-se masculinizada pelo exercício de sua força. Isso vai sendo desconstruído quando sua constituição física e psíquica, assim como seu caráter e sua formação sociocultural revelam sua condição social e humana. Desse modo, nossa pesquisa teórica e bibliográfica fundamenta nossa discussão, à luz do pensamento de Moisés (2001), Almeida (1999), Candido (2009), Miguel-Pereira (1973), Coutinho (2004) entre outros autores que contribuíram para a compreensão sobre as questões suscitadas no romance. Neste contexto, a personagem Luzia-Homem, apesar de sua força física, representa as limitações da condição feminina, levando em consideração seus anseios e seu sofrimento. E seu fim trágico representa a luta de uma verdadeira heroína.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Romance. Luzia-Homem. Domingos Olímpio.

ABSTRACT

This research aims to analyze the composition of character Luzia-Homem, the protagonist by Ceará writer Domingos Olímpio's novel. Therefore, the narrative is an appreciation about the migrant figure, whose context is the hinterland northeastern punished for the drought occurred between 1877 and 1878 and its respective deployments as well as its relation with all the other characters from the work. The research development happened based on this search to understand the physical and social setting that involves the protagonist as well as the individual conflicts in the course of action. Since the title, the work **Luzia-Homem** presents ambiguities in the composition of the binomial. However, during the plot, it was observed that Luzia acquires masculine aspects due to exercise of her force. That element will be deconstructed when her physical and psychical constitution as well as her personality and sociocultural formation show her social and human condition. Therefore, this theoretical and bibliographic research bases itself with the analysis of contributions by Moisés (2001), Almeida (1999), Candido (2009), Miguel-Pereira (1973), Coutinho (2004) among others authors that add to the comprehension about the emerged topics in the novel. In this context, although her physical force, the character Luzia-Homem represents the limits of female conditions, considering her desires and suffering. Then her tragic end represents the fight by a true hero.

Keywords: Brazilian literature. Novel. Luzia-Homem. Domingos Olímpio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ASPECTOS DO REGIONALISMO E DO NATURALISMO PRESENTES NO ROMANCE LUZIA-HOMEM	12
1.1 A PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NO CONTEXTO DO REGIONALISMO	16
2 O ROMANCE LUZIA-HOMEM	19
2.1 LUZIA-HOMEM VISTO SOB AS LENTES DA CRÍTICA	26
3 LUZIA-HOMEM: REPRESENTAÇÃO DA FORÇA FEMININA NO SERTÃO NORDESTINO	29
3.1. A PRESENÇA DA MULHER NORDESTINA NA REPRESENTAÇÃO DE LUZIA HOMEM.....	32
3.2 LUZIA-HOMEM: REPRESENTAÇÃO DO RETIRANTE NORDESTINO	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, a partir do século XIX apresenta um novo estilo estético e literário, deixando de lado a subjetividade dos românticos. Desse modo, entra em vigor a estética Realista/Naturalista, apresentando temáticas em torno dos problemas sociais, econômicos, geográficos e políticos da Nação.

O momento do Realismo/Naturalismo, regido pelo pensamento científico e filosófico dominantes na época, foi marcado por uma linguagem que primava pela descrição fiel da realidade, bem como pela denúncia dos problemas supramencionados, abordados nas obras dos escritores desse período. Desse modo, não apenas no Nordeste, como em todo Brasil, essa nova corrente literária expôs, entre outras questões, as mazelas sociais e os dramas psicológicos que eram mascarados em outros momentos. Nesse meio, destacamos o escritor cearense Domingos Olímpio, com o romance **Luzia-Homem**, o qual nos apresenta o drama de sua protagonista homônima envolvida no cenário de seca no Nordeste. Tal obra, assim como sua personagem principal, alcançam o destaque merecido entre os romances regionalistas da época. Podemos conferir esse destaque pela repercussão que essa obra teve, a partir de sua leitura, estabelecendo diálogo interartístico, como é exemplo sua adaptação para o Cinema e a Televisão, numa adequação da linguagem literária para as artes cinematográfica e televisiva, graças à aprovação e ao entusiasmo que sua história original causou ao público.

Aqui, não poderíamos deixar de ressaltar que, desde tempos remotos, conforme vemos no modelo de sociedade dito Patriarcal, ainda seguido pelo Brasil, o gênero masculino deteve direitos que não eram permitidos ao feminino. No romance **Luzia-Homem**, o escritor Domingos Olímpio, através da personagem Luzia-Homem, vem quebrar esse paradigma, trazendo uma mulher como tema central de sua obra, mostrando que a mulher pode se apresentar em pé de igualdade com o homem.

Nesta perspectiva, este estudo foi desenvolvido tendo como foco de análise a obra **Luzia-Homem** no contexto histórico, político, econômico e sociocultural do sertão nordestino. Seguindo os princípios estéticos em que está filiado, o autor retrata, por meio da ficção, a realidade de muitos nordestinos que sofreram no período de grande seca no sertão. De sua obra, serão abordados pontos que mostram o sofrimento dos retirantes que viviam se deslocando à procura de meios de

sobrevivência. Assim, dentre tantos personagens envolvidos em cenário similar na história literária optamos por analisar a personagem Luzia-Homem, figura responsável por nos causar inquietações e questionamentos no romance.

Partindo dessas considerações, tomaremos nosso objeto para análise o romance **Luzia-Homem**, sem perder de vista o destaque para a atuação de sua personagem central, assinalado na linguagem da obra. Além da atenção dispensada à protagonista, também discorreremos sobre o drama do retirante, vivenciado por outros personagens da mesma obra.

Neste sentido, embora o foco central seja Luzia-Homem, moça simples e batalhadora que trabalha honestamente para cuidar de sua mãe doente, também serão discutidas as condições vivenciadas por personagens como o antagonista, Crapiúna, soldado mal afamado que se aproveita de sua posição privilegiada como autoridade para retirar vantagens dos outros e vive a perseguir Luzia-Homem, Alexandre, rapaz honesto e dedicado que mantém uma grande paixão por Luzia-Homem, assim como Terezinha, amiga e companheira de Luzia, sua defensora que faz tudo para ver sua amiga feliz.

É importante mencionar que o interesse e escolha do estudo sobre a personagem Luzia e sua representação no sertão nordestino surgiu nas discussões em sala de aula, na Disciplina de Literatura Brasileira do Curso de Letras do CFP/UFCG. A investigação justifica-se porque o romance **Luzia-Homem** é de grande relevância para o estudo do regionalismo nordestino, principalmente quando se refere à temática da seca na Região Nordeste.

Para realização deste estudo, recorreremos a aportes teóricos pesquisados e obtidos em livros e artigos, visto que a pesquisa é de ordem bibliográfica. Esta escolha se fez necessária por apresentar suportes relevantes para a leitura, a reflexão, a compreensão e o aprofundamento acerca da discussão sobre o tema relacionado. Para isso, estabelecemos diálogo entre as ideias a ele relacionadas, formando nosso embasamento teórico a partir das reflexões encontradas em Massaud Moisés (2001), Almeida (1999), Candido (2009), Miguel-Pereira (1973), Coutinho (2004), entre outros autores que nos deram respaldo no desenvolvimento deste estudo.

Estruturalmente, este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro, intitulado “Aspectos do Regionalismo e do Naturalismo presentes no romance **Luzia-Homem**”, seguido de um subtópico, no qual abordamos o contexto social do autor e algumas obras regionalistas.

O segundo capítulo, cujo título é “O romance **Luzia-Homem**”, destaca de forma sucinta, por meio de exemplos da obra, as principais caracterizações do meio físico e social que foram palco para a construção do romance.

O último capítulo, intitulado “**Luzia-Homem**: representação da força feminina no sertão nordestino”, trata sobre a personagem Luzia em sua constante luta pela sobrevivência no sertão nordestino. Relacionados a este capítulo, seguem outros subtópicos, “A presença da mulher nordestina na representação de Luzia-Homem” e “A representação do retirante nordestino”. O primeiro discute a presença da mulher nordestina no romance, retratando a coragem da mulher ao enfrentar a dura realidade no sertão do Ceará. O segundo tópico, por fim, trata de evidenciar o sofrimento do retirante por meio da personagem Luzia-Homem, heroína do romance olimpiano.

1 ASPECTOS DO REGIONALISMO E DO NATURALISMO PRESENTES NO ROMANCE LUZIA-HOMEM

Na literatura brasileira, o século XIX é cenário para diversas correntes estéticas e literárias, momento em que aparece com destaque o Realismo-Naturalismo, que vem retratar com mais evidência os problemas de ordem psicológica e social da realidade. É nesse contexto que surgem autores como, Aluísio de Azevedo, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, entre outros escritores que contribuíram para a ficção nordestina, deixando suas marcas através de obras que retrataram fatos da sociedade.

De acordo com Almeida (1999, p. 125), “na França, onde se originaram, Realismo e Naturalismo constituem movimentos estética e cronologicamente distintos, [...]” Esses movimentos acompanharam o processo de urbanização na Europa, em meados do século XIX, em decorrência do grande crescimento industrial, técnico e científico da época. No Brasil, essas duas tendências se desenvolveram ao mesmo tempo, o crescimento industrial e o progresso técnico e científico contribuíram para a apropriação dessas correntes. Apresentando uma visão diferenciada, com um olhar voltado para a realidade, a ficção produzida sob influências das novas tendências já eram consagradas, quase todas de raízes urbana, fornecendo base sociológica para a implantação das novas tendências.

O naturalismo foi resultado de uma época em que os fenômenos sociais, biológicos e comportamentais do homem tiveram maior notoriedade. Discorrendo sobre este assunto, Antônio Candido (1996, p. 286) ressalta que o “naturalismo significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos personagens por meio dos fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana”. Nessa perspectiva, podemos inferir que os personagens que fazem parte desse momento literário são influenciados pelo meio, ou seja, os fatores externos agem diretamente no desenvolvimento da criação fictícia, que por sua vez tem seu referencial no ser humano.

Partindo do pressuposto de que a ótica naturalista se desenvolveu em meio ao cientificismo, que as produções literárias desse período apresentavam traços específicos destas visões literárias, Reuter (2004, p. 28, grifo do autor) observa que “os romancistas realistas e naturalistas trabalharão mais particularmente a justificativa da descrição: sua *introdução* na narrativa através do discurso, a visão ou a ação das

personagens”. Neste contexto, os escritores dão vidas às suas personagens e por meio das cenas, dos lugares narrados vão ganhando credibilidade para demonstrar a realidade social.

O Realismo consiste na tendência para reproduzir nas obras literárias os traços observados no mundo real, seja nas coisas, nas pessoas ou nos sentimentos. Este movimento se amplia muito além de uma época marcada pelo surgimento da escola literária; ele coexiste num paralelismo entre realidade e fantasia, ou seja, os escritores desse período mesmo se utilizando da ficção não fogem do mundo real. Há nos romances realistas a investigação social, a ênfase na realidade, o predomínio da razão e universalismo entre outras características típicas deste movimento literário.

O realismo e o naturalismo, segundo Candido e Castello (1996, p. 288), principiam oficialmente no Brasil em 1880 e 1881, com as Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e O Mulato, de Aluísio Azevedo. Este momento coincidiu com profundas mudanças ocorridas no país no âmbito da economia, da política e de manifestações artísticas.

Em relação à linguagem, os autores do Realismo e do Naturalismo expressam o mundo em suas obras de maneira objetiva, deixando a imaginação, a subjetividade e o sentimentalismo em segundo plano, e priorizando a descrição dos fatos e ambiente de acordo com a realidade que se pretende demonstrar. Em **Luzia-Homem**, através de uma linguagem dita culta, utilizando a modalidade formal, o autor nos coloca em contato com a situação de miserabilidade vivenciada pelos retirantes.

O espírito romântico e suas tendências voltadas para o sentimentalismo exacerbado foram sendo deixados de lado, abrindo espaço para uma literatura capaz de reproduzir a nova realidade. Essa tendência visava estabelecer elos entre realidade e ficção; problemas de ordem psicológica e social eram temáticas presentes nas obras naturalistas que apontavam os vícios sociais e as mazelas provocadas pela sociedade. Neste contexto, a literatura nordestina apresenta-se intrinsecamente ligada ao problema da seca, sendo esta uma temática bem explorada nesse momento.

A esse respeito, a pesquisadora Luciana Brito destaca que:

No Brasil, a literatura realista-naturalista aparece como uma nova maneira de ver e expressar a realidade do país. Os escritores mais famosos postavam-se como grandes críticos de uma sociedade hierarquizada, desumana e desigual. As contradições da sociedade brasileira em todos os níveis – político, econômico e social – observados na segunda metade do século XIX eram alvo de crítica por

parte da maioria dos homens letrados. Essas contradições faziam emergir entre os pensadores e intelectuais uma preocupação maior com as classes pobres. (BRITO, 2013, p. 122).

A partir desse comentário, percebemos que, no momento histórico em questão, os escritores procuravam evidenciar a realidade da classe oprimida por meio de críticas e, utilizando-se da ficção denunciavam as desigualdades sociais.

Considerando a ficção social ligada, principalmente, aos problemas de ordem sociológica e regional como a seca, o cangaço e a decadência da sociedade rural, há outros fatores que nortearam o regionalismo nordestino.

Como marco inicial desse movimento, de acordo com Afrânio Coutinho (2004a, p. 267, grifo do autor), “Franklin Távora [...], foi o primeiro a usar o tema da seca e da saga do jagunço em *O cabeleira* (1876). [...], primeiro portanto a levantar a bandeira do regionalismo [...]”. No chamado “ciclo nordestino” estão reunidos grandes nomes que utilizam a temática da seca como pano de fundo nos seus romances, este universo é representado pelos romances **A fome** (1890), de Rodolfo Teófilo, **D. Guidinha do Poço** (1897), de Oliveira Paiva, assim como **Luzia-Homem**, de Olímpio, os quais também se servem do meio físico e social, ambientado pelo flagelo da seca para situarem suas narrativas. Nesse sentido, Coutinho acrescenta que:

De norte a sul do país, escritores aparecem procurando captar em prosa, com a máxima veracidade, os temas, os costumes, os tipos, a linguagem, das várias regiões de que, geograficamente, se compõe o país. Cria-se, inclusive, um tipo de herói – o herói regional – de estatura quase épica em seus aspectos de super-homem, em luta contra um destino fatal, traçado pelas forças superiores do ambiente. (COUTINHO 2004b, p. 237).

Dentre tantos escritores regionais, o cearense Domingos Olímpio (1851-1906) se figura com grande destaque nesse meio, optando pela produção literária de conteúdos objetivos que retratam a realidade do Nordeste e as problemáticas que envolvem a realidade desta região. A temática apresentada em **Luzia-Homem** focaliza o sofrimento do povo cearense, no período da seca de 1877. Verificamos, desse modo, que a estética naturalista aparece não somente nos conflitos individuais de alguns personagens, mas, também, no retrato do meio ambiente, servindo de base sociológica para o desenvolvimento das ações.

Dentre os nordestinos que se submeteram a influências naturalistas e regionalistas, o exemplo mais significativo está em Domingos Olímpio. Sobre este ponto, Nelson Werneck Sodré observa que:

O drama da seca aparece em muitos dos seus traços mais fortes no único romance do ficcionista cearense que tomou a forma de livro. Nele, o papel modelador da natureza, particularmente através das calamidades, reflete-se nas criaturas. [...], Luzia-Homem assinala, apesar dos seus laivos românticos, um instante curioso do regionalismo nordestino, quase inteiramente calçado no quadro da seca e dos seus efeitos sobre as criaturas, [...]. (SODRÉ, 1976, p. 414).

Desse modo, os autores da prosa de ficção nordestina oscilavam entre o sentimentalismo romântico e a didática naturalista, visto que acompanhavam o processo de formação literária. Domingos Olímpio, amparado nesse contexto soube unir os elementos provenientes da seca e suas respectivas consequências nas criaturas.

Com relação à implantação dessas novas tendências, Coutinho (2004b, p. 250) destaca que

O regionalismo, na prosa de ficção brasileira de fins do século XIX e começo do século XX, nasceu, sem dúvida, sob o signo do romantismo para, depois, misturar-se às receitas naturalistas e realistas, sob a influência de Zola e Eça de Queirós. Daí encontrarmos, nos principais romances de autores nordestinos daquela época, uma mistura de estilos e de tratamento ora romântico, ora naturalista, não apenas nos temas romanticamente idealizados, como também na técnica pronunciadamente folhetinesca.

Coutinho, voltado ao contexto em que o regionalismo se desenvolveu, ressalta a importância de fatores externos para a implantação das novas tendências, e a influência de outros escritores já mergulhados nesse movimento, o que contribuiu muito para que o romance brasileiro da época ganhasse tonalidade. O mesmo crítico destaca ainda os romancistas nordestinos com suas respectivas obras, os quais se enquadram nessa mistura de estilos como os já citados anteriormente: Domingos Olímpio, em **Luzia-Homem** e Oliveira Paiva, em **Dona Guidinha do Poço**; além de Franklin Távora, em **Lourenço**; Adolfo Caminha em **A normalista**, entre outros escritores e respectivas obras. Para o momento, interessa-nos um aprofundamento maior sobre o romance **Luzia-Homem**, visto que a ficção do romancista dialoga com

as tendências realistas, naturalistas e, se considerarmos o afeto entre Luzia e Alexandre encontramos também traços do Romantismo.

1.1 A PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NO CONTEXTO DO REGIONALISMO

O romance **Luzia-Homem**, fez do escritor Domingos Olímpio um destaque na literatura brasileira. Se comparados a esta obra, seus outros romances não obtiveram o mesmo destaque e mesmo sendo um autor de poucas produções, conseguiu, com este romance o reconhecimento merecido.

Dentre os escritores expressivos da literatura brasileira, destacamos Domingos Olímpio, cujo romance principal, **Luzia-Homem**, será o nosso objeto de pesquisa nesse trabalho. Tomando por base os estudos de Massaud Moisés (2001, p. 74), vimos que o escritor Domingos Olímpio Cavalcanti Braga nasceu no dia 18 de setembro de 1850, na cidade de Sobral, Ceará. Em 1873, se formou Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Regressando ao Ceará, nesse período, exerceu intensa atividade jornalística, se destacando na defesa de ideias abolicionista e republicanas. Em 1875, foi nomeado promotor da cidade de Sobral, permanecendo nesse cargo até o final da grande seca no sertão de 1877-1879. Em 1903, Domingos Olímpio publicou **Luzia-Homem**, e entre 1904 e 1906 publicou na revista **Anais** (revista se sua autoria), o romance **O Almirante** e diversos capítulos de outra narrativa, **O Uirapuru**. Faleceu em 6 de outubro de 1906.

Em contato com as produções literárias desse período, em especial com a obra **Luzia-Homem**, percebemos que o escritor conhecia bem a miséria dos retirantes, aos quais deu vida em seus personagens, na representação da narrativa. Nesse contexto, adentramos a cultura do povo nordestino, pois, o autor retrata a imagem do Nordeste, da seca, da terra árida, das credices e superstições de um povo que sofre enfrentando a miséria e a pobreza, no período de seca nesta região.

Domingos Olímpio, ganhou destaque não apenas por retratar o quadro da seca, em seu romance **Luzia-Homem**, mas, também, como afirma Moisés (2001, p. 75) “[...] por delineá-lo como um impressionista o faria, em pleno ar livre, sem excessos subjetivistas [...]”. Neste sentido, acompanhando o pensamento de Moisés, percebemos que o escritor serve-se desse cenário ressequido para articular seu

drama, com foco maior no conflito dos personagens e não no meio social em que vivem. Por isso, o quadro da seca fica apenas no plano da expressão.

Nesta perspectiva, o Nordeste apresentava condições propícias que instigavam os artistas a apresentarem a temática do romance social. Sendo assim, os escritores buscavam no ambiente cultural e geográfico temáticas pertinentes para a produção de seus romances. Nessa linha de pensamento, Coutinho (2004a, p. 278) comenta que “a região nordestina prestava-se à maravilha para a valorização das tradições culturais, daí a força com que o movimento regionalista se difundiu por toda região, da Bahia ao Ceará e mais ao Norte”. Isso fica corroborado nas palavras de Coutinho, quando ele menciona que o Nordeste era um local que valorizava a cultura.

A partir dessas inferências, vimos que as produções literárias eram elaboradas com base nessa realidade, caracterizando-se de acordo com o conteúdo local, seguido os princípios estéticos que o Realismo orientava. A valorização de tradições culturais, assim como os problemas sociais eram evidenciados por meio da ficção.

Ainda de acordo com o pensamento de Coutinho (2004b, p. 237),

O regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões não dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país.

Os romances regionalistas são encontrados nas diversas regiões do Brasil. A propósito disso, o crítico afirma que o regionalismo não abrange apenas uma região particular, há uma diversidade no que diz respeito aos costumes, crenças e religião de um povo que se mesclam, formando o “todo nacional”. As particularidades de cada região são descritas por meio da ficção, os escritores, embasados na realidade, procuram evidenciar fatos históricos ou outros acontecimentos da sociedade.

Candido (1996, p. 288) ressalta que “o regionalismo, iniciado com vigor pelos românticos, continua neste período sob roupa nova, formando um segmento importante da nossa ficção, no conto e no romance”. Neste sentido, Candido inclui entre os livros regionalistas “o importante **Luzia-Homem**”, destacando que Domingos Olímpio, antecipa em sua obra o regionalismo dos modernistas. Neste sentido, o regionalismo, que teve suas origens legitimadas no Brasil, no período literário denominado Romantismo, continuou no Realismo/Naturalismo fundando-se esse

parâmetro nas objetividades regionais e locais que se buscavam exprimir, com ênfase na realidade.

Assim, a obra **Luzia-Homem** apresenta características em sua estrutura que denotam o regionalismo, indo além da intencionalidade do autor, até os traços linguísticos. A linguagem usada na obra mescla o português padrão culto, na voz do narrador, com as expressões regionalistas e uma linguagem informal usadas pelas personagens do romance. Também, a apresentação da natureza em seus traços flagelados delimita o cenário do sertão nordestino e a força de Luzia, criatura que irradia um vigor e coragem típicas da mulher nordestina.

2 O ROMANCE LUZIA-HOMEM

Luzia-HOMEM, romance de destaque de Domingos Olímpio, publicado em 1903, retrata a vida dos retirantes no período de grande seca no Nordeste. A história se passa no município de Sobral, no Ceará. Através de um narrador de terceira pessoa, descreve a aspereza do sertão, assim como tantos outros problemas provenientes da seca de 1877, cuja miséria assolava o povo cearense. Por meio de uma linguagem culta, na voz formal, o autor filtra a realidade transmitida por meio de sua ficção. Isso pode ser conferido a partir das imagens das pessoas descritas no seguinte trecho, extraído do romance: “[...] esqueléticas criaturas de aspecto horripilantes, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele [...]” (OLÍMPIO, 2003, p. 18).

Uma característica importante que podemos apontar dentro do romance são os planos da narrativa. O enredo está estruturado em meio a dois planos principais, o sertão do interior do Ceará e a cidade de Sobral, nos quais a história é desenvolvida. O sertão, de onde a protagonista emigra com sua mãe, assim como muitos outros retirantes em fuga da seca, e a cidade é o lugar com mais recursos que acolhe os retirantes refugiados. O romance é narrado em 3ª pessoa, apresenta um narrador onisciente (conhece o íntimo de todos os personagens), que, ao narrar os fatos parece testemunhar o que está acontecendo.

Recorremos às palavras de Ligia Chiappini Moraes Leite (1945, p. 32), que reforçam as nossas considerações, quando afirmamos que a obra em estudo apresenta um narrador onisciente, conforme vemos no trecho a seguir:

Narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro fala em 3ª pessoa, embora seja bastante frequente o uso da cena para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequentemente, a caracterização da personagem é feita pelo narrador que as descreve e explica para o leitor.

A construção da narrativa acontece, em meio as descrições de um narrador onisciente e os diálogos das personagens. Já nos primeiros capítulos percebemos a voz do narrador, “Luzia viera na enxurrada, marchando, lentamente, a curtas jornadas, e fora forçada a esbarrar na cidade, por já não poder conduzir a mãe doente.”

(OLÍMPIO, 2003, p.18). Os fatos narrados obedecem a uma sequência linear, embora em alguns momentos o autor recorra ao uso de *flash back* (volta a uma ação do passado), para retratar outro momento na história.

No romance, percebemos um recuo na história no momento em que Luzia relembra sua infância e, pela voz do narrador, nos deleitamos no passado da personagem:

Ao espetáculo do alvorecer sem alegria, [...], ela revia a infância, na fazenda Ipueiras: a campina verdejante de orvalho congregado no côncavo das folhas em gotas trêmulas, os cabeças-vermelhas gorjeando nos mais altos ramos dos juazeiros frondosos; [...]. Ouvia o mugir lamentoso das vacas presas nos currais, o gemido soturno e tímidos dos bezerros e monjolos famintos; [...]. Recordava-se do banho na lagoa, [...]. Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; o tassalho de carne-de-sol chiando no espeto, o cuscuz vaporoso e os queijinhos de cabra, [...]. Nessa evocação saudosa de um passado morto, ressurgiram as adoráveis peripécias da infância, [...]. (OLÍMPIO, 2003, p. 63).

Apresentando como protagonista do romance, Luzia-Homem é uma jovem com características distintas das mulheres de sua época, devido à sua força física e às atividades que realizava, estando em menor relevo Crapiúna e Alexandre. No entanto, a narrativa não deixa de mesclar histórias e descrever a situação de outros personagens de relevante importância, como é o caso de Teresinha, amiga de Luzia, que teve uma vida miserável depois que fugiu da casa dos pais. Ao se aproximar de Luzia, Teresinha se torna seu porto seguro, “– Agora sou sua defensora – continuou a outra torcendo os cabelos ensopados. – Hei de punir por você em toda parte, porque vi com meus olhos que é uma mulher como eu, [...]”. (OLÍMPIO, 2003, p. 25).

Em **Luzia-Homem**, Domingos Olímpio evidencia a realidade e as dificuldades enfrentadas pelos retirantes, devido à problemática da seca. O romance possui um enredo marcado por dramas sociais, que foram vivenciados devido ao êxodo rural. A personagem Luzia-Homem, mulher forte e determinada, chega à cidade de Sobral procurando melhores condições para sobreviver. Luzia encontra trabalho e fáceis meios de sobrevivência, porém, vive atormentada com os insultos e assédio do soldado Crapiúna.

A personagem é um ser fictício, porém seu discurso pode conter a “[...] expressão ideológica do autor, dialogando com a sua realidade histórica, [...].” (SOUSA, 2005, p. 23). Com base nesse comentário de Sousa, e após as leituras sobre

o autor e respectiva obra aqui trabalhada, percebemos que as ações desencadeadas nos romances podem conter lapsos de realidade vivenciada pelos autores, desenvolvidas pelas suas personagens de ficção.

Ainda sobre a personagem de ficção, Candido assinala “[...] que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. (CANDIDO, 2009, p. 55).

No contexto em que se desenvolve a trama, o cenário de destaque da cidade, destinava-se à construção da penitenciária, obra que abrigava retirantes de diferentes localidades do interior do Ceará, que chegavam fugindo da seca. A multidão de retirantes trabalhavam duramente, apenas pela alimentação (ou ração como era chamada a alimentação recebida em troca do trabalho). A partir do trecho seguinte, o narrador nos coloca em contato com a realidade vivenciada pelos flagelados, visto que a distribuição de alimentos era considerada compensatória pelos retirantes que chegavam à cidade empurrados pela seca:

Acertara a Comissão de Socorros em substituir a esmola depressora pelo salário emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau, verdadeiras gulodices para infelizes criaturas, açotadas pelo flagelo da seca a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto. Vinham de longe aqueles magotes heroicos [...], por estradas ásperas, quase nus, [...], a pele curtida pelo implacável sol incandescente. (OLÍMPIO, 2003, p. 8).

Logo no início da narrativa, percebemos a determinação e a força de Luzia, que conhecemos através da observação de um visitante da cidade de Sobral, o francês Paul, que se surpreende com a força extraordinária da protagonista, conforme vemos na seguinte passagem da obra: “passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça.” (OLÍMPIO, 2003, p. 11). Essa metáfora nos traz uma dimensão a respeito da bravura de Luzia, a qual se torna motivo de comentários por toda a cidade, despertando a inveja de uns e admiração de outros.

Diante dessa passagem da obra, acima descrita, mostrando o extraordinário na figura de **Luzia-Homem**, Valdeci Batista de Melo Oliveira, em seu livro **Figurações da donzela-guerreira**: Luzia-homem e Dona Guidinha do Poço, acrescenta que:

Para descrever e dar sustentação a essa força física descomunal, o escritor recorre ao expediente de mostrá-la através dos olhos do estrangeiro que, à época, assim como hoje, vive quase sempre a caça do exótico, do pitoresco ou do ouro no novo continente. É através desse olhar que se confirma a grandeza dessa força física. [...]. O autor se vale do aval do estrangeiro, confirmando assim a autenticidade do portento que se quer evidenciar. (OLIVEIRA, 2005, p. 81-82).

De acordo com a narrativa, após a sua chegada na cidade de Sobral, Luzia logo começa a trabalhar na construção da penitenciária, despertando o interesse de Alexandre, rapaz simples e honesto, encarregado geral do armazém, responsável pela distribuição da alimentação, “ele guardava as chaves do armazém; era empregado de inteira confiança, conquistada pelo mais irrepreensível procedimento, e os mais abonados precedentes; [...]” (OLÍMPIO, 2003, p. 46). Luzia ganha destaque em meio aos outros retirantes, devido à sua coragem e ao seu empenho no trabalho. A sua atitude pode ser comprovada no trecho seguinte, extraído do romance:

Pouco expansiva, sempre em tímido recato, vivia só, afastada dos grupos de consortes de infortúnios e quase não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalterável calma, a sua tarefa diária, que excedia à vulgar, para fazer jus a dobrada razão. (OLÍMPIO, 2003, p. 12).

Através da leitura dessa obra, percebemos que Luzia realizava com dedicação a sua tarefa diária, tornando-se motivo de destaque entre os companheiros de trabalho. Apesar de Luzia e Alexandre viverem muito próximos, pois este sempre estava por perto, ajudando a cuidar de tia Zefinha, era assim que ele chamava a mãe de Luzia, os dois não mantinham uma relação amorosa, visto que Luzia admirava-o, mas nunca assumia que se sentia atraída por ele. Essa proximidade entre os dois gerava cada dia mais ciúmes em Crapiúna, que não se conformava por Luzia estar sempre de conversas com outro, enquanto o repugnava.

Diferente do sentimento amoroso de Alexandre, o soldado Crapiúna mantém um desejo de possuir Luzia e passa a persegui-la por todos os lugares. Ela, pressentindo o perigo iminente a sua volta, tenta evitá-lo a todo custo.

As ações da narrativa são norteadas, principalmente, pelos personagens Luzia, Crapiúna e Alexandre. Na tentativa de afastar Alexandre de Luzia, Crapiúna arma uma emboscada e Alexandre é preso, acusado de fraudes no armazém dos Socorros. Luzia acredita cegamente na inocência do seu amigo e faz o possível para libertá-lo.

Em uma das tentativas para ajudar Alexandre ela vende os próprios cabelos para conseguir dinheiro e encontrar o verdadeiro culpado pelo roubo. Aqui, Terezinha é a grande responsável pela liberdade de Alexandre, pois um dia ela descobre Crapiúna escondido no fundo do seu quintal contando o dinheiro do roubo e consegue desmascará-lo frente ao delegado. Finalmente Crapiúna é preso e Alexandre fica livre, mas levará para a vida toda a vergonha dessa humilhação. Podemos acompanhar este momento, no diálogo abaixo, retirado do vigésimo capítulo do romance:

-E você, seu Crapiúna, o que foi fazer no quintal vizinho? ...
 -Já disse a vossa senhoria que é mentira dessa língua danada.
 -Também será mentira que retirou debaixo de um caixão uma bolsa de couro de onça? ...
 [...]
 A bolsa foi retirada de baixo do caixão e aberta. Havia nela dinheiro, joias e alguns fragmentos de papel escrito, versos de canção populares e o rascunho de uma carta a Luzia.
 [...]
 Os camaradas presentes afirmaram que a bolsa era muito conhecida; pertencia a Crapiúna.
 [...] O senhor sargento terá a bondade de mandar recolher os homens incomunicáveis, e comparecer com as testemunhas a delegacia. (OLÍMPIO, 2003, p. 154-156).

Ao sair da cadeia, Alexandre encontra apenas Terezinha à sua espera, e fica desanimado quando percebe que Luzia não estava com ela. Logo faz indagações a Terezinha a respeito de sua amada e ela tenta explicar a ausência da amiga. Podemos identificar esse contexto no diálogo a seguir:

-E Luzia?
 -Foi trabalhar – respondeu Terezinha, amuada.
 -Por que não veio com você?
 -Por que teve vergonha de se expor diante de tanta gente. Disse-me que estava alcançando o que desejava: a sua liberdade; nada mais tinha que fazer. Não pregou olhos a noite inteira, esperando que amanhecesse o dia de hoje. (OLÍMPIO, 2003, p. 164-165).

Terezinha segue conversando com Alexandre e no meio desse diálogo tenta levá-lo para a casa de tia Zefinha argumentando que tanto a pobre da velha quanto Luzia já tinham sofrido muito por causa dele, mas Alexandre, desapontado pela desfeita de Luzia acha melhor recuar um pouco e decide ir direto para o armazém. Nesse intervalo, Luzia não vê a hora de chegar à tardinha para encontrar Alexandre,

é tanto que pede autorização para sair mais cedo do trabalho, porém fica desiludida ao chegar em casa e perceber que Alexandre não estava a sua espera.

- Bem mereço este castigo. Sou eu a culpada. Abandonei-o por soberba, capricho... Teve razão. Não devia perguntar por mim – murmurou, enchendo de caldo a tigela. – Eu, no lugar dele, não viria atrás de uma ingrata feroz... Ah! Os homens nada desculpam; nada perdoam... São vingativos porque não são capazes de querer bem como nós, que, por eles, esquecemos tudo... (OLÍMPIO, 2003, p. 175).

Se compararmos as atitudes de Luzia-Homem desde o início do romance veremos que houve uma grande mudança com relação ao sentimento amoroso, ela que antes tinha pensamentos só no trabalho, agora deixava-se martirizar por um amor. Essa mudança de atitude da referida personagem nos remete ao que afirma Yves Reuter, o qual, em sua **Introdução à análise do romance**, nos traz as seguintes considerações a respeito das transformações da personagem na narrativa:

As personagens diversificam-se socialmente e desenvolvem-se através da textualização de traços físicos variados e de uma espessura psicológica à qual se acrescenta a *possibilidade de transformar-se* entre o começo e o final do romance. Mais realistas, não cumprem apenas destinos heroicos mais vivem, às vezes, existências miseráveis. (REUTER, 2004, p. 24, grifo do autor).

Desse modo, entendemos que a personagem Luzia passa por uma transformação entre o começo e o final da narrativa, levando em consideração seu modo de agir e pensar com relação ao amor. Em todo o percurso da história, não percebemos em nenhum momento a consolidação do amor entre Luzia e Alexandre, através da leitura entendemos que há uma atração muito forte entre eles, porém, o narrador não deixa claro os planos do casal ao se mudarem para outra região. Finalmente, Luzia consegue sair daquela cidade levando consigo sua inseparável amiga, Terezinha, juntamente com toda família. O trecho seguinte descreve o momento em que Luzia deixa a sua casa, na cidade de Sobral, Olímpio (2003, p. 231):

Luzia percorreu, com enternecimentos de saudades, os recantos da casa vazia, onde ficava o pilão, o jirau da latada, a trempe de pedra, os tições extintos, enterrados sob tulhas mornas de cinza, tristes vestígios dos habitantes que a abandonavam. Contemplou, com lágrimas comovidas, o lar apagado, o terreiro, em torno, limpo, varrido, as árvores mortas, os mandacarus carcomidos até ao alcance dos dentes dos animais vorazes, a paisagem triste, coisas mudas e

mestas, que se lhe afiguravam companheiros de infortúnio, dos quais se despedia para sempre. E partiu, conduzindo, à cabeça, uma pequena trouxa.

O narrador nos familiariza com a história através de suas descrições minuciosas dos lugares, paisagens, objetos, e assim nos coloca em contato com a realidade vivenciada pela personagem Luzia, em despedida de sua casa na cidade de Sobral. Durante o percurso para a serra da Meruoca, ao acompanharmos o desenlace da história, já vamos inferindo que a personagem caminha para um final feliz, pois acabou de se livrar do soldado que tanto lhe perturbava. Mas, Luzia pega um atalho da estrada e vai direto ao encontro da morte. Ao se aproximar do final do atalho, ela ouve um grito de desespero e logo reconhece a voz de Crapiúna ameaçando Terezinha. “- Foi o diabo que te atravessou no meu caminho. É a última vez que me empatas, peitica do inferno!” (OLÍMPIO, 2003, p. 235).

Através desta citação, percebemos que Crapiúna vem ao encontro de Terezinha para se vingar. A presença de Luzia, que aparece para ajudar a amiga, demonstra um ato de coragem e se torna o momento decisivo do romance, visto que a narrativa sempre caminhou para este fim trágico.

O clímax no romance acontece no momento que Luzia decide enfrentar Crapiúna: “Dois gritos medonhos restrugiram na grotta. Crapiúna, louco de dor, embebera-lhe no peito a faca, e caía com o rosto mutilado, deforme, encharcado de sangue.” (OLÍMPIO, 2003, p. 237). Na tentativa de se defender, Luzia crava suas unhas no rosto de Crapiúna e arranca um de seus olhos, e ele, logo em seguida, lhe acerta um golpe de faca no peito. A narrativa termina com a imagem de Luzia estirada sem vida sobre as pedras. O momento final do romance expõem a violência nas ações dos personagens.

No desfecho do romance é perceptível marcas naturalistas, considerando o personagem Crapiúna sempre munido de um desejo incontrolável pela determinada Luzia-Homem, suas atitudes podem ser comparadas ao instinto animal, cujo destino não poderia escapar da morte. “[...], Crapiúna ergueu-se, e recuou de salto. Arquejava de cansaço e da boca lhe borbulhava sangrenta espuma. Os olhos, injetados, fulgiam de volúpia brutal, louca, fixando-se desvairados em Luzia, [...]. (OLÍMPIO, 2003, p. 237). Para reforçar nossas referências citamos Sonia Brayner (1979, p. 48):

As obsessões eróticas assumem o papel de um corpo para sempre desejado e renegado ao determinismo pessimista de uma literatura triste. Casos de alcova, histórias de adultério, amores em meio a seca nordestina, perseguidos por cangaceiros e fanáticos, tudo isto demarcou a aparição do escritor naturalista situado na encruzilhada agônica de suas próprias escolhas.

As palavras de Brayner se ajustam perfeitamente ao romance **Luzia-Homem**, que tem como gerador dos conflitos o soldado Crapiúna, que, em sua representação, transmite toda ênfase carnal, agressiva, sempre munido de um desejo incontrolável, típica das personagens naturalistas.

Ainda a respeito das explicações sobre o naturalismo, Oliveira nos traz o seguinte comentário:

[...], a escritura de um romance naturalista busca uma aproximação maior com o *cotidiano ordinário*, por isso busca cientificamente retratar a realidade contemporânea, dentro da fidelidade à experiência concreta. Assim, a sociedade deveria ser vista a partir de seus próprios pressupostos, ou seja, antagonismos de classe, costumes, modos de ser e circunstâncias. (OLIVEIRA, 2005, p. 57, grifo do autor).

Como vimos, na citação expressa por Oliveira, nesse contexto o autor procura destacar em seu texto os aspectos do cotidiano, se distanciando da subjetividade e sentimentalismo dos românticos. Assim, o romance naturalista pode ser caracterizado por evidenciar uma época marcada por diversos problemas sociais, físicos e comportamentais do ser humano.

2.1 LUZIA-HOMEM VISTO SOB AS LENTES DA CRÍTICA

O tema em torno da problemática da seca torna-se recorrente na literatura brasileira. Apesar de **Luzia-Homem** referir-se a grande seca de 1877, sobre a qual Domingos Olímpio pode presenciar, o livro não faz referência direto para este problema. Brayner, (1979, p. 47), expõe que: “Não se pode dizer que não se tocasse em miséria, seca, fome, mas sempre deixando o aspecto moral da situação falar mais alto”.

Com o romance **Luzia-Homem**, Domingos Olímpio recebeu diversas críticas que vêm sendo questionadas desde sua publicação. Para uma melhor compreensão a respeito do romance é necessário dialogar com críticos que irão fornecer outras

visões da referida obra. Citamos, a seguir, a percepção que um dos críticos da literatura apresentou a respeito desta obra, cujo olhar dialoga com o nosso.

As principais críticas são feitas em torno da linguagem utilizada pelo autor. Neste sentido, Almeida, (1999, p. 177) em **A tradição regionalista no romance brasileiro**, considera que a linguagem em Olímpio “[...] retoma, adaptando-a de certo modo ao jargão naturalista, a atitude retórica, a grandiloquência bombástica do pior folhetim romântico.” De fato, percebemos que o autor utiliza uma linguagem padrão, na voz formal para designar os sentimentos da personagem, se distanciando do regionalismo local, conforme vemos no fragmento abaixo:

Passava-lhe, então pela mente alucinada, a torva ideia de vingar-se, rebaixando-se, de punir-se, de atolar-se no charco da lascívia, saciando-se até à embriaguez, ao primeiro encontro, fora embora cúmplice do imundo crime o mais hediondo dos homens, Capiúna, outro qualquer, ainda mais vil e detestável, contando que a sua depravação, com requintes de despejo, fizesse sofrer Alexandre, o desalmado, o frio homem, que não perguntara por ela a Terezinha. (OLÍMPIO, 2003, p. 139).

Com base nos estudos de Almeida (1999), diante dessa passagem do romance, verificamos um distanciamento entre a voz que narra e a personagem, visto que a mesma é apresentada como uma retirante rústica e espontânea e em nada assemelha-se com essa passagem. Isso não significa dizer que esse descompasso na linguagem aparece em todo romance, visto que as cenas de diálogos dos personagens são todas apresentadas com uma linguagem informal, correspondente à vida cotidiana das personagens.

Em *Luzia-Homem*, Olímpio evidencia a realidade e as dificuldades enfrentadas pelos nordestinos, devido à problemática da seca. Nesse sentido, a crítica também apresenta comentários positivos. O escritor se destaca não somente pela temática apresentada em sua obra, envolvendo elementos sociais e psicológicos como também pela sutileza com que soube unir esses elementos. Nessa linha de pensamento, Coutinho comenta que:

Com esse romance, conseguiu Domingos Olímpio uma notoriedade que não é fácil no público brasileiro, graças à força descritiva de que é possuidor e à segurança no diálogo curto e incisivo. *Luzia-homem* é um romance que muito bem se enquadra na prosa de ficção nordestina do século atual [século XX], não só pelas suas qualidades formais

como, também, pelo conteúdo da história. (COUTINHO, 2004b, p. 256, grifo do autor).

Quanto à classificação desse romance, considerado naturalista por grande parte da crítica literária, há controvérsias. Lúcia Miguel-Pereira traz considerações relevantes sobre esse aspecto, como podemos ver no seu comentário a seguir, com relação ao romance:

Realista na forma, sem os tiques dos nossos naturalistas, talvez simbólico na concepção sem ser simbolista, regionalista pelo tema, sem colocar o elemento local acima do humano, todas essas tendências do mesmo passo se completando e se abrangendo umas pelas outras, [...]. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 208).

A autora, ao se referir ao romance *Luzia-Homem*, diz que esta obra não apresenta marcas exclusivas do naturalismo, e deixa claro que o romance permeia outros momentos literários, sendo por isso difícil classificá-lo. Mas, embora apresente essa diversidade quanto a classificação, não se pode negar a predominância de traços naturalistas, evidenciados pelo meio social envolvendo a miséria em uma época em que a seca castigava o sertão.

Uma das observações acerca do romance aqui analisado, é o fato dele figurar de forma secundária entre as obras literárias de cunho Naturalista, perdendo destaque para outros livros que se apresentam em primeiro plano quando se trata da corrente naturalista, o que lhe atribui uma falsa ideia de diminuição, visto que sua obra não deixa de ser autêntica em virtude de tais comentários.

Por fim, dentre críticas positivas e negativas, há aqueles que consideram Olímpio um autor restrito, e pode ser por isso que não se conceitue entre os melhores e mais renomados autores literários de sua época, e mesmo sendo muito bem feita, *Luzia-Homem* é sua obra prima. Porém, apesar de tais comentários, Domingos Olímpio conseguiu seu destaque na literatura Brasileira.

3 LUZIA-HOMEM: REPRESENTAÇÃO DA FORÇA FEMININA NO SERTÃO NORDESTINO

A literatura é um meio capaz de (re)produzir, (re)criar os acontecimentos passados por meio da ficção. Partindo desse pressuposto, vimos que Domingos Olímpio dá ênfase a uma personagem feminina caracterizada por sua força extraordinária.

Observando a personagem Luzia, percebemos que ela é uma mulher simples, não apresenta nenhuma vaidade, nem mesmo se preocupa com a aparência física. Sua preocupação está relacionada com o trabalho e o bem estar de sua família, nesse caso, a mãe.

Em Luzia-Homem, a designação da força física, como representação do nordestino forte e viril, agora se volta para a imagem feminina, onde o atributo de força é totalmente voltada para uma mulher, como mostra este trecho do romance: “Em plena florescência de mocidade e saúde a extraordinária mulher, [...] encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão.” (OLÍMPIO, 2003, p. 12).

A personagem Luzia representa a determinação de força na luta do retirante pela sobrevivência. Vimos, a partir da leitura da obra, que Luzia não se deixa vencer pela extrema situação de pobreza que o destino lhe reservou, ficando órfã de pai, com uma mãe doente, sai a viajar pelo sertão a procura de sobrevivência.

O traço diferencial que afasta Luzia das demais mulheres de sua época é a sua força desmedida, conforme vemos em várias passagens do romance, no qual o narrador vai revelando essa mulher, a exemplo desse fragmento: “viram-na outros levar, firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d’água, que valia três potes, de peso calculado para a força de um homem robusto.” (OLÍMPIO, 2003, p. 11). A partir desse fragmento, evidenciando a força e a coragem da protagonista, vamos também, descobrindo o preconceito com relação a imagem da mulher. E, “assim, a mulher que sai do padrão ‘normal’, seja pelo aspecto físico, moral ou psicológico torna-se marcada pelos estigmas preconceituosos da sociedade, [...]” (VASCONCELOS; TIMBÓ, 2013, p. 29).

De acordo com o que se observa no romance, a personagem Luzia-Homem, levada pelos desmandos da seca, encontra suporte na cidade de Sobral. Porém, é nesse ambiente que ela se sente ameaçada por não corresponder aos desejos de um

homem que passará a persegui-la, lhe causando medo e a certeza de momentos ruins. No texto, vamos descobrindo marcas de uma tragédia já anunciada. “Luzia encontrara em Sobral abrigo e fáceis meios de subsistência; mas pressentia iminente perigo no capricho ou paixão brutal de Crapiúna.” (OLÍMPIO, 2003, p. 39). Nas palavras de Miguel-Pereira (1973, p. 206), também encontramos esse prenúncio: “não dependeu dela, nem de ninguém, a sorte que a fez tão diversa das outras raparigas, mas nessa diferença sente-se, desde o início, a marca de uma predestinação – a da desgraça.”

Analisando as palavras de Miguel-Pereira, podemos entender que o destino dos personagens não depende de suas ações na narrativa, isso significa dizer que, por mais que a protagonista lute de forma digna em busca de sua liberdade é punida de forma violenta pelos desmandos de uma sociedade que impõe as suas próprias regras. Nesse caso, perde quem ousa resistir contra esse modelo patriarcal, cuja estrutura coage as ações de quem luta por dignidade e liberdade, como foi o caso da protagonista que lutou com todas as suas forças físicas, até o fim de sua vida, para defender sua própria honra.

Corroborando os argumentos acerca dessas discussões, Pierre Bourdieu (2012, p. 63, grifo do autor) ressalta que:

Essa força superior, que pode fazê-lo aceitar como inevitáveis, ou óbvios, isto é, sem deliberação nem exame, atos que seriam vistos pelos outros como impossíveis ou impensáveis, é a transcendência social que nele tomou corpo e que funciona como *amor fati*, amor do destino, inclinação corporal a realizar uma identidade constituída em essência social e assim transformada em destino.

Nesse sentido, entendemos que por mais que Luzia pressentisse um grande perigo a sua volta e possuísse um desejo incessante de fugir daquele lugar, sentia-se presa, tendo que encarar a dura realidade e aceitar com resignação os fatos. A previsão de um futuro trágico é anunciado pela personagem: “– Este homem será o causador da minha desgraça – murmurou ela com um soluço de pranto sufocado.” (OLÍMPIO, 2003, p. 21). A partir desta citação percebemos que a personagem já temia uma desgraça, deixando explícitos prenúncios de algo ruim.

Luzia apresenta características peculiares, ligadas ao sertanejo que sofre e luta pela sobrevivência em um sertão escasso, marcado pela falta de chuvas. Nesse caso, o diferencial refletido na imagem feminina, que é sinônimo de força e beleza, é a sua

coragem e sua força que denotam característicos da masculinidade. Seus músculos, adquiridos devido aos esforços do trabalho na lavoura, foram motivo de tantas falácias e preconceito por toda cidade.

É importante destacar que a personagem Luzia, assim como outros personagens da obra, estão ligados aos costumes, crenças e superstições, nos quais acreditam, demonstrando sua fé e sua religiosidade, como cita o narrador em um trecho do romance, “já fiz uma promessa a São Francisco das Chagas de Canindé para que ele me pusesse em estado de caminhar com os meus pés; [...]” (OLÍMPIO, 2003, p. 21-22). Desse modo, percebemos a fé e devoção de dona Zefinha que acredita cegamente nos poderes dos santos para sua cura, característica ligada ao nordestino guiado pela sua fé. A religiosidade está presente em vários momentos, as crendices e sabedorias populares, como a experiência de Santa Luzia, as promessas a Santo Antônio, conhecido como santo casamenteiro e revelador de causas ocultas, são fatos que não passam despercebidos na obra olimpiana.

Reiterando o discurso do autor, percebemos que os valores retratados na época, evidenciando a religiosidade de um povo, ainda é uma constante no sertão nordestino, visto que as promessas aos santos, a procura de rezadeira e feitiçarias são elementos de uma cultura que perdura até hoje.

Luzia se destaca no contexto sertanejo contrariando o papel social das mulheres de sua época que, mesmo com uma vida árdua e tendo que trabalhar duramente para sobreviverem viviam a cuidar da casa, casar e constituir família. Tendo em vista os cuidados com a mãe e a obrigação diária com o seu trabalho, Luzia vivia longe desse pensamento. No trecho extraído do capítulo onze do romance, podemos constatar a sua expressão:

Sentia-se incapaz de amar; carecia-lhe a fraqueza sublime, essa languidez atributiva da função da mulher no amor, a passividade pudica, ou aviltante da fêmea submissa ao macho, forte e dominador, irresistível, como aprendera na intuitiva lição da natureza; [...]. Não; não fora destinada a submissão. Dera-lhe Deus músculos possantes para resistir, fechara-lhe o coração para dominar, [...], não era mulher como as outras, como Terezinha, para abandonar a família, o lar, a honra, por um momento de ventura efêmera, [...]. Não; não fora feita para amar. (OLÍMPIO, 2003, p. 83-84).

Nesta passagem da narrativa, é importante ressaltar a voz do narrador que, em sua onisciência, se utiliza do discurso indireto para dizer o que se passa através dos

pensamentos da personagem. Assim, a personagem Luzia deixa explícito, por meio da voz que narra, que não era capaz de amar e vai deixando transparecer a sua diferença em relação as outras mulheres, cujo sentimento de apego a família, a sua honra, a impedia de viver o amor.

A imagem que temos da personagem olimpiana é de uma mulher valente, honrada, que segue os preceitos de moral e valor de uma sociedade tradicional. Essa mulher, que sempre colocou a família em primeiro lugar aparece na narrativa, desde o início, com o mesmo caráter, a diferença nítida é revelada quanto ao seu sentimento amoroso, pois, tendo projetado um casamento com Alexandre não teve tempo para concretizá-lo, visto que as suas previsões com relação ao casamento, descritos nesse trecho do romance, “[...], se nos casássemos. – É impossível!... Nasci com má sina...” (OLÍMPIO, 2003, p. 104), pode ser comprovada no final da narrativa, com a morte da personagem.

3.1. A PRESENÇA DA MULHER NORDESTINA NA REPRESENTAÇÃO DE LUZIA HOMEM

A protagonista do romance **Luzia-homem**, de Domingos Olímpio, vivenciado pela personagem Luzia, representa a figura da mulher nordestina, mulher corajosa, que está à frente da família e que trabalha para o sustento da casa. Na obra, o autor apresenta a personagem como uma mulher fora dos padrões exigidos pela sociedade, visto que Luzia realiza ações destinadas aos homens e, por isso, enfrenta o preconceito e as críticas da sociedade.

No romance, são perceptíveis as questões relativas ao comportamento hipócrita da sociedade quando, as características de Luzia são descritas pelas demais personagens femininas, “_ aquilo nem parece mulher fêmea – observou uma velha alcoveta e curandeira de profissão. – Reparem que ela tem cabelos nos braços e um buço que parece bigode de homem...” (OLÍMPIO, 2003, p.12).

Percebemos, por meio dessa passagem da obra o quanto Luzia era ridicularizada no meio social, pois a sua força era motivo de calúnia entre os companheiros de trabalho. Por muito tempo, a mulher foi considerada apenas a dona do lar, responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos, não lhe cabendo a patente de estar à frente de uma família, tarefa à qual se destinava somente ao homem, a quem a mulher devia submissão.

No romance, o autor apresenta a figura de uma mulher como líder da família, que precisava trabalhar duramente para manter a casa, em uma época em que o machismo imperava. Enquanto representação da mulher, a personagem sofre preconceito, desde criança, por realizar serviços braçais destinados aos homens. Na obra, podemos comprovar isso no momento em que Luzia relata sua infância, como mostra o trecho abaixo:

Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pai no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedouro e cacimbas; vaquejava a cavalo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encourada, quando já era moça demais, ali por obra dos dezoito anos. Muita gente me tomava por homem de verdade. (OLÍMPIO, 2003, p. 50).

A partir desse momento, entendemos a origem do nome Luzia-Homem já que esse apelido acompanha a heroína desde criança, devido aos trabalhos que realizava. Dessa forma, saberemos do seu nome de batismo apenas no sétimo capítulo: Luzia Maria da Conceição.

Contextualizando as estruturas sociais patriarcais em questão, vale ressaltar que o sertão retrata a presença do homem forte e viril, representados nos diversos tipos, seja como vaqueiro, jagunço ou coronel. Neste contexto, Domingos Olímpio apresenta-nos a personagem Luzia-Homem que, enquanto mulher masculinizada era vista com estranheza: “mulher que tinha buço de rapaz, pernas e braços forrados de pelúcia crespa e entornos de força, com ares varonis, [...]” (OLÍMPIO, 2003, p. 23).

Nessa perspectiva, a personagem Luzia demonstra a coragem da mulher nordestina que, mesmo em meio às dificuldades causadas pela seca, não se amedronta, pelo contrário, encara a realidade difícil do sertão do Ceará. Além da seca, Luzia-Homem enfrenta também o machismo violento de Crapiúna, que, nas palavras de Oliveira (2005, p. 68), é descrito: “[...] como uma espécie rebaixada de representante da prepotência e da prática do crime, oculta sob as vestes de um soldado”. Assim, Luzia-Homem o encara sem se deixar intimidar, assumindo a representação da força masculina que marca sua personagem durante toda a história, sem diferir dos homens em sua força bruta ou pensamento de defesa da própria honra, ainda que isto lhe custe a vida.

No decorrer deste estudo, vamos descobrindo essa mulher que, de acordo com o texto, é vista de forma diferenciada em relação às demais mulheres, devido à sua força. Contudo, no desenrolar de suas ações, aparece sua essência feminina, conforme observamos nesse fragmento do romance: “sob os músculos poderosos de Luzia-Homem estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto, [...]” (OLÍMPIO 2003, p. 22).

O discurso acima descrito demonstra a postura ultrapassada do autor ao representar a figura de Luzia-Homem, que, devido ao seu modo de agir em sua própria defesa, em meio a um ambiente marcado pela luta por sobrevivência, ela foi julgada de maneira equivocada. Apesar de seus músculos fortes, a personagem demonstra sua fragilidade. Pierre Bourdieu (1930-2002), em seu livro **A dominação Masculina** menciona a condição feminina nesse meio. “A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da vulnerabilidade da honra [...]. (BOURDIEU, 2012, p. 64).

Através dessas considerações, podemos comprovar por meio de trechos do romance, a mudança que ocorre na personagem Luzia:

Notavam que estava mais esbelta, graciosa, a cor mais clara pelo repouso de alguns dias. Havia misteriosa alteração no seu semblante. [...]. Dir-se-ia que se lhe haviam atenuado os tons varonis, e, da crisálida **Luzia-Homem**, surgira a mulher com a doçura e fragilidade encantadora do sexo em plena florescência suntuosa. (OLÍMPIO, 2003, p. 117).

Desse modo, verificamos que, depois de tornar-se pública a sua paixão por Alexandre as pessoas passam a olhar Luzia com outros olhos, visto que, até então, era estereotipada como mulher-macho.

A obra **Luzia-Homem** retrata a mulher como um ser forte e independente. Sua protagonista homônima vem reforçar a força e a coragem da mulher, que pelo desenvolvimento de suas ações se enquadra nos estereótipos de mulheres fortes e valentes do sertão.

3.2 LUZIA-HOMEM: REPRESENTAÇÃO DO RETIRANTE NORDESTINO

Sendo a principal personagem da obra, apresentada em detalhes minuciosos, Luzia foi analisada de forma a enfatizar traços do retirante nordestino, por apresentar características deste tipo.

Luzia-Homem, que sempre foi acostumada a trabalhar na fazenda, depois que perdeu seu pai, em decorrência da grande seca se vê obrigada a sair em busca de melhores condições de trabalho para garantir o sustento de sua mãe doente. Neste cenário, a situação de pobreza e de miséria são itens que aparecem com frequência no contexto de Luzia-Homem. O autor, seguindo a estética naturalista, expõe a verdade dos fatos sem nenhum pudor, desta maneira, evidencia na obra a miséria e as mazelas sociais destacadas por meio da figura dos retirantes, Como vemos na descrição abaixo:

Eram pedaços de multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, [...]; esqueléticas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. (OLÍMPIO, 2003, p.18).

A partir desse fragmento, extraído do início do capítulo III do romance, o leitor mergulha na realidade apresentada pelo narrador. Essa realidade vai ganhando sentido a partir da descrição minuciosa das condições miseráveis em que viviam os retirantes, demonstrando, assim, o sofrimento do povo nordestino em busca de regiões com melhores recursos para sua sobrevivência.

Podemos observar a dura realidade nesse fragmento da narrativa: “casas de taipas, palhoças, latadas, ranchos e abarracamentos do subúrbio estavam repletos a transbordarem. Mesmo sob os tamarineiros das praças se aboletavam famílias no extremo passo de miséria - [...].” (OLÍMPIO, 2003, p. 18). Vemos nesta citação, que cada vez mais chegavam pessoas em extrema situação de pobreza e se aglomerava na cidade; neste meio, Luzia aparece com uma imagem diferenciada do retirante flagelado e oprimido, se destacando por seu vigor entre os demais.

Alfredo Bosi (1936, p. 195), em sua **História concisa da Literatura Brasileira**, considera a obra *Luzia-Homem* uma “[...], ingênua e bela história de uma retirante de 77, cujos modos másculos ocultavam sentimentos bem femininos; [...]”

Um dos maiores obstáculos que Luzia enfrentava estava na doença da mãe, motivo pelo qual se viu impossibilitada de seguir viagem para outras regiões próximas ao mar. Para conduzi-la, foi preciso se desfazer de seus bens materiais. Por conta da seca, a situação de pobreza se agravava a tal ponto que as famílias foram obrigadas a seguirem viagem a pé como vemos na citação seguinte:

Os brincos e o cordão de ouro, que lhe dera a madrinha, vendidos aos mascates da miséria, não dariam com que pagar o transporte da pobre velha, em carroças puxadas por homens atrelados dois a dois, como animais de tiro. Era esse, naquela quadra de infortúnio, o veículo das famílias abastadas, que não possuíam cavalos e muares de carga e montaria. (OLÍMPIO, 2003, p. 19).

É importante destacar a voz do narrador que, em sua onisciência, nesta passagem da narrativa, se utiliza do discurso indireto para nos colocar em contato com a realidade vivenciada pelos retirantes.

Em meio a esse sofrimento, aparece Luzia, que, não tendo mais condições de seguir viagem, em decorrência da doença da mãe, decide ficar em Sobral onde consegue trabalho na construção da penitenciária.

Oliveira (2005, p. 67), destaca que: “já às primeiras páginas do romance, conhecemos as dificuldades e a luta dos retirantes que viviam grotescamente, sob uma espécie de escravidão branca, sem receber salário [...]”

Nesse sentido, podemos inferir que, nas precárias condições que viviam a população refugiada, contra os infortúnios da seca, não importava as condições de trabalho oferecida, e sim, os alimentos adquiridos em troca do trabalho.

Através do texto, percebemos que o narrador em sua onisciência reserva um destino fatal para a personagem, tendo em vista, no decurso da narrativa, notarmos algumas previsões para o seu fim trágico, por meio de pensamentos de Luzia, quando ele nos revela, desde o início da narrativa, o seguinte prenúncio:

Com a proteção de Maria Santíssima venceria a travessia. Vinte léguas galgam-se depressa. Talvez tombasse, como os míseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubus e carcarás, iam marcando o caminho das vítimas da calamidade. (OLÍMPIO, 2003, p.19).

Na tentativa de fuga de um sertão marcado pela seca, Luzia-Homem almejava chegar ao mar. Porém, não tendo mais condições de realizar a viagem, devido aos cuidados com a mãe e também a ocorrência da prisão de Alexandre, ela se vê obrigada a ficar na cidade, mesmo contra a sua vontade, pois pressentia um grande perigo nas pretensões do soldado Crapiúna, que vivia a atormentá-la.

Para Massaud Moisés (1971, p. 261-262), Luzia-Homem representa

[...], o retrato verossímil de uma retirante privilegiada atenua-se com a presença de laivos românticos por trás da formosura e robustez de caráter, uma vez que Luzia, sobrenadando no mar de miséria desencadeada pela seca, defende a honra a todo custo, projeta um casamento pacato com Alexandre, e acaba pagando com a própria vida a compostura ética e as prendas físicas de que a dotara a natureza.

Os conflitos do romance são desencadeados pelo meio físico e social ocasionado pela seca, somado à falta de assistência de autoridades governamentais, o que se constitui em forte motivo para o deslocamento dos retirantes de sua região à procura de outras com mais recursos. Nesse meio, o personagem Crapiúna, atuando como soldado, representa a força e o poder, e tornar-se mais um dos problemas de Luzia-Homem, motivo de tantas intrigas devido à sua rejeição.

A construção da narrativa intensifica sua tensão em torno dessa obsessão doentia do antagonista, o que vai incorrer na morte desses personagens. Dessa forma, Crapiúna se torna o responsável pela morte da protagonista, materializando a violência na obra de Domingos Olímpio.

De acordo com Oliveira (2005, p. 67), “a história [...] nos apresenta como uma ingênua e piegas história de amor, desde o começo atrapalhada por pequenos contratemplos, para no final ser definitivamente frustrada pela dramática morte de um dos amantes”.

Em outras palavras, podemos dizer que, autores desse período buscavam demonstrar em suas obras o perfil da situação de vida do povo brasileiro. Sendo assim, escreviam romances que narravam os acontecimentos e os problemas da sociedade, seja no âmbito cultural, político ou social. Nesse sentido, o romance **Luzia-homem**, além de evidenciar marcas românticas, no que se refere aos personagens

Luzia-Homem e Alexandre, aborda a problemática da seca, o sertão e denuncia a situação de miséria em que viviam os retirantes no sertão nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em contato com a obra de Domingos Olímpio, percebemos a necessidade de entender mais sobre a literatura nordestina, e conhecer outras obras importantes, tendo em vista a Região Nordeste apresentar-se como um grande cenário para diversos romances sociais. A partir da leitura, vimos que o romance **Luzia-Homem** está inserido no meio físico e social do sertão nordestino marcado pela seca.

Conforme expusemos neste trabalho, **Luzia-Homem** traz em sua narrativa elementos que denotam a estética Naturalista, evidenciados pelo autor em um tom que denuncia a realidade observada em sua época. O contexto histórico em que o escritor viveu lhe deu margens para evidenciar na obra a extrema situação de pobreza do povo cearense, imerso em um contexto geofísico, econômico, político e social desfavorecido e desassistido, que não passou despercebido, inicialmente pelo olhar de um naturalista estrangeiro, para posteriormente ser transformado em ficção.

Diante dos textos lidos e respectivos autores nos quais nos amparamos, a fim de realizarmos a análise do romance olimpiano, percebemos que **Luzia-Homem** recebeu diversas críticas, tanto relativas à sua classificação quanto à estética. Por outro lado, é inegável o destaque que os críticos atribuem à **Luzia-Homem**, considerado por vários deles como um dos principais romances regionalistas nordestinos.

No romance, de acordo com o que foi mencionado nesta pesquisa no decorrer das nossas discussões, a personagem Luzia-Homem, embora seja um ser fictício, simboliza a luta de pessoas comuns em busca de condições dignas de vida. Nessa perspectiva, presumimos que a criação e a seleção dos personagens de ficção cumprem o propósito de reproduzir a vida e o sofrimento do povo cearense, aqui representado, em uma constante luta por sobrevivência, em período de seca impiedosa.

A personagem Luzia-Homem, fonte geradora de diversas indagações neste estudo, é um exemplo de mulher guerreira, que, mesmo sendo estereotipada pela sociedade preconceituosa da época, devido ao estranhamento causado por sua força física, demonstra sua feminilidade em vários momentos da narrativa, desde o capricho na execução de suas atividades corriqueiras, a exemplo do bordado, até a descoberta do seu amor por Alexandre, razão pela qual luta, incansavelmente, para tirá-lo da prisão. Prova da feminilidade da protagonista poderia ser o desejo obsessivo que ela

provoca no soldado Crapiúna, cujo instinto é levado às últimas consequências, culminando na violência que faz de Luzia-Homem sua vítima fatal.

Em se tratando de um romance regional, **Luzia-Homem**, assim como tantos outros que delineiam a seca no sertão, apresenta-se com riquezas de detalhes, porém, a ênfase maior foi dada apenas a um dos vários personagens da narrativa.

Vale ressaltar, também, que as considerações sobre a personagem Luzia-Homem de Domingos Olímpio, feitas neste estudo, não são conclusivas, e esperamos que, a partir deste, possam surgir outros interesses para novas pesquisas, visto que, assim como acontece com outras obras literárias desse porte, ainda há muito a ser exposto, em termos de debate, sobre o romance **Luzia-Homem**.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Virilidade e Violência. In: _____. **A dominação masculina**. Traduzido por Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: <<http://edisciplinas.usp.br/.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BRAYNER, Sonia. **Labirinto do espaço romanesco**. Tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRITO, Luciana. **A Fome**: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. Estação Literária Londrina, v. 10B, p. 111-125, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: das origens ao Realismo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na ficção. In: _____. **A literatura no Brasil: era realista**. v. IV, 7. ed. São Paulo: Global, 2004b. p. 234-309.

_____. O modernismo na ficção. In: _____. **A literatura no Brasil: era modernista**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004a. p. 263-590.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Realismo e Simbolismo. v. II, 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **A Literatura brasileira através dos textos**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira**. Prosa de ficção - De 1870 a 1920 -. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. **Figurações da donzela-guerreira**: Luzia-Homem e Dona Guidinha do Poço. São Paulo: Annablume, 2005.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. O Regionalismo. In: _____. **História da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 403-428.

SOUSA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. Criciúma, 2005. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VASCONCELOS, J. Carlos; TIMBÓ, Margarida. **A Configuração da personagem feminina no romance Luzia-Homem de Domingos Olímpio**. Disponível em: <www.entrelaces.ufc.br/rev_entr_anolll_n2.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2018.